

## **A Comunicação como Pontes para o Comum e o Encontro: Experiências de Leituras Críticas de Mídia nas Oficinas do CAC -UFRRJ<sup>1</sup>**

Rejane MOREIRA<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ,RJ

### **RESUMO**

Este artigo apresenta e discute as experiências constituídas nas Oficinas de Leituras Crítica de Mídia, no Centro de Artes e Cultura, da UFRRJ. O CAC é um espaço que agrupa experiências artísticas e culturais desenvolvidas pela universidade e que se forjou nos últimos anos como vetor de aproximação entre a UFRRJ e comunidade no entorno de Seropédica. De forma pioneira, as oficinas de leituras de críticas de mídias aliaram pesquisa e extensão com intuito de oferecer ao público que circula no CAC possibilidades de leituras de mídia, que visam ampliar o repertório dos espectadores, leitores e ouvintes. O artigo apresenta os planos de ação da produção das aulas bem como discute a potência da literacia midiática na formação de espaços democráticos de conhecimento e da cidadania. Discute-se ainda as potencialidades da leitura crítica de mídia como efeito ético e responsivo da mediação.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; leituras críticas; encontro, oficinas

### **BUSCAR AS MECÂNICAS DA MEDIAÇÕES**

Ao nos referirmos ao gênero Leituras Críticas de Mídia estamos apontando para ações de leituras ampliadas, de leituras de mundo, das quais se refere Paulo Freire, acrescentando ao seu conjunto os meios de comunicação como articuladores de certas concepções culturais e sociais. Neste sentido e com este intuito, iniciamos, desde 2017, o trabalho de construção das Oficinas de Leituras Críticas de Mídia, no Centro de Arte e Cultura<sup>3</sup> da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O projeto teve sua gênese nos grupos de estudos do Laboratório de Pesquisa, que desenvolvemos com alunos ligados ao

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Doutora Associada do curso de Jornalismo da UFRRJ, RJ, e-mail: rejanemmoreira@gmail.com

<sup>3</sup> O CAC é órgão da reitoria da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e foi criado em 2007, com o propósito de atender as necessidades das atividades artísticas culturais no entorno de Seropédica. Ele se consagrou como elo entre os três campus da UFRRJ, campus Seropédica, Nova Iguaçu e Três Rios. São ministradas várias oficinas no CAC e todas são inteiramente voltadas para as comunidades universitárias e circunvizinhas do município de Seropédica (Itaguaí, Nova Iguaçu, Paracambi, Japeri e demais municípios da Baixada Fluminense e Zona Oeste do Rio de Janeiro). As oficinas versam sobre os mais variados campos de conhecimentos, como desenho, pintura, dança, piano, violão, bateria, teatro, fotografia, malabares, entre outras.

que denominamos *cultura midiática*. No ponto de vista dos grupos de estudos percorremos diversos modos de pensar a mídia em sua concepção narrática e mediadora de processos subjetivos. Assim, entendemos que há um certo ambiente instituído pela e com as mídias que deve ser tratado como atrator de múltiplos modos de ver, sentir e entender os acontecimentos.

As oficinas de leituras críticas de mídia vierem como efeitos desse modo de pensar a mídia em seu aspecto produtor e propagador, o que efetivamente se conectou às nossas inquietações de desenhar relações de forças entre sujeitos, interpretações, cognições e representações que emergiam desses encontros. No decorrer das atividades, que hoje integram pesquisa e extensão<sup>4</sup> de modo orgânico e inseparável, nos deparamos com múltiplos desafios não previstos apenas com o olhar reflexivo da pesquisa. O fazer nas oficinas impôs de forma mais precisa olhares transversalizados com, para e da mídia. Inspirados em Silverstone entendemos que,

a mídia conecta e separa a um só tempo. Inclui e ao mesmo tempo exclui. Oferece liberdades de expressão e reclama direitos de vigilância e controle. Ela também possibilita e impede. Cria novas desigualdades, assim como procura eliminar antigas. (SILVERSTONE, p.268)

O fato de tomarmos a mídia em seu aspecto produtor e vetorial, nos ajuda a avançarmos na busca de certas “mecânicas das mediações”. O que entendemos por mediação? Partimos da ideia fundamental de Martin-BARBERO (2003) que nos conduz para uma leitura chave, toda mediação implica em negociação de sentido. Segundo Barbero, mediação pode ser entendida como “processo social permanente”, que se revela nos vários meios de negociação entre sujeitos. Estão presentes nos processos de negociação as materialidades culturais e as temporalidades históricas. Portanto, a mediação coloca em ação formas de pensar, perceber e experimentar o mundo. Nesse processo de “experimentação”, os sentidos emergem em um misto de captura e inovação. A mediação pressupõe, em um mesmo movimento, criação e repetição, repertório e inovação. Perceber é criar, mas também conceber por determinados esquemas. Entender a comunicação como mediação é também imaginá-la não apenas como ambiente, mas como propulsora, criadora e reveladora dos múltiplos sentidos que são geridos nas relações entre os sujeitos. Comunicar é colocar em ação essas negociações e “transversalizar” todos os processos da aprendizagem, por exemplo.

---

<sup>4</sup> Dois projetos compuseram as Oficinas, a saber o projeto PROIC/UFRRJ/IC e o BIEXT/UFRRJ.

No processo contínuo de negociação, que é assimétrico por princípio, apresentam-se aspectos conflitivos como a concentração dos sentidos circulados na mídia e sua articulação com “significados tirânicos”. Certamente, no processo de mediação exige-se disputas das formas replicadas na vida cotidiana. Aliás, no cotidiano que essas disputas aparecem com maior evidência. Isso nos faz atentar para, como bem nos aponta MAFFESOLI (2008), um “fértil solo do cotidiano”, que sinaliza para processos criativos de rupturas com sentidos que circulam na e com as mídias. Segundo o autor, uma certa sociologia compreensiva que pretende lançar luz sobre como a “profundidade está nas superfícies das coisas” pode nos fornecer pistas para instaurar definitivamente as bases para tomar o cotidiano em sua polissemia e complexidade. Essa sociologia busca formular questões como as da origem do indivíduo, do seu comportamento, formação e processos de interpretação. Como salienta o autor:

O que orienta meu trabalho é a sociologia da vida cotidiana, e é aí que vejo uma grande mudança de episteme. Como se inventou o indivíduo? Como se originou o individualismo epistemológico? (MAFFESOLI, pg.9)

Diversos autores, dentre eles SILVERSTONE (1999), indicam para a potência do cotidiano na produção dos sentidos que circulam no senso comum. Por seu aspecto iminentemente relacional e habitual, à luz dessas leituras, o cotidiano estabelece múltiplos significados que forçosamente circulam e são reproduzidos pelos sujeitos. A simples concepção do que é comunidade, do que é o lar ou o espaço, atravessam os meios. O autor nos diz:

Os espaços de engajamento com a mídia, os espaços da experiência da mídia, são tanto reais como simbólicos. Dependem da locação e das rotinas que definem nossas posições no tempo e espaço. As rotinas que marcam as realidades do movimento e da estase em nossa vidas diárias. (SILVERSTONE, pg. 162)

Nesse processamento múltiplo e ininterrupto, o autor chama atenção para a mediação na sua concepção “dialética”. Neste sentido, o cotidiano se torna solo para as pesquisas das interpretações e também lugar em que o pesquisador encontra a “responsabilidade ética do sujeito” na reprodução do que está na base da mecânica da mediação. Busca-se então as mecânicas, os modos como sujeitos interpretam, confiam e reproduzem os conteúdos. Neste artigo daremos uma visão geral das duas oficinas que realizamos no CAC em que pudemos perceber como uma certa concepção de “multiplicidade de sentidos”, efetivamente desejada no processo de mediação é

substituído por circulações de sentidos previsíveis. Entendemos que essa previsibilidade se deve ao modo como as mídias são articuladas às crenças e hábitos cotidianos. Mas também apontamos para a urgência e necessidade de entendermos as mídias como influenciadoras recíproca dos modos de ver. Neste sentido, pensar criticamente a mídia é propor de forma ativa, múltiplas mediações, tanto quanto possíveis como desejáveis. Entendemos que propor leituras críticas é tornar a mediação ética e responsável, na medida que parte de uma ação política do sujeito diante do mundo.

As oficinas foram importantes práticas para acionar esse olhar miúdo da vida cotidiana. A partir das perspectivas das representações sociais exercitamos a leitura de produtos noticiosos na concepção de estereótipos que são projetados fortemente nas falas e ações reproduzidas no campo social. Pudemos perceber como os vetores de forças da mídia apontam para o “já dito”, para o “já sabido”. Nossas análises focaram, assim, nos discursos reproduzidos, criados ou enquadrados pelos e nos meios de comunicação. Percebemos como as narrativas verbais e visuais legitimam representações de múltiplas formas.

Como bem nos apresenta os estudiosos da Psicologia Social, como MOSCOVICI (1978), a representação é um processo de construção social, pois concebe o ser humano na sua composição histórica, como produto de forças históricas e dialéticas. Essa perspectiva oferece um conjunto de temáticas que, do ponto de vista reflexivo, impede que tenhamos posições reducionistas, de causa e efeito, ao nos debruçarmos sobre os fenômenos sociais. Neste sentido, a comunicação ou propriamente o campo da comunicação, torna-se importante espaço para questionar esses processos. A comunicação não é somente o reflexo de tipos de relações que circulam no campo social, mas também vetor que produz múltiplas formas de influência recíproca. Assim, analisar a mídia e seu potencial criativo e propagador é avançar nas possibilidades de pensar o comum e o próprio senso comum nas suas “mecânicas de mediações”.

Com a proposta inicial de exercitar, através das oficinas, o funcionamento dessas mecânicas de mediação, analisamos os critérios das produções desses discursos midiáticos, bem como sua reprodução e legitimação nos discursos do senso comum. Congregamos esforços para entender as funções das mediações e como estas atuam nas diversificadas mídias que compartilham crenças, ideias e culturas.

---

## PONTES PARA O COMUM E A NOÇÃO ENCONTRO

---

Antes de apresentarmos as linhas iniciais da pesquisa e os métodos forjados na formulação das aulas ministradas nas oficinas de leituras crítica de mídia no CAC, gostaríamos de aprofundar, à luz do título do artigo, o denominamos como pontes para o comum e a noção de encontro.

Ao concebermos as oficinas tínhamos como experiência acumulada nove anos de atuação no projeto de extensão *Educação Patrimonial de Oriximiná- UFF-UFRRJ*. Esse programa, que conectava cursos como de Direito, Psicologia, Educação, Produção Cultural e Comunicação, atuava no município de Oriximiná<sup>5</sup> articulando memória, cultura local, patrimônio e educação. A partir do projeto desenvolvemos uma série de princípios que funcionavam como norteadores de experiências em educação voltadas para projetos. Denominamos *Etnoeducação*<sup>6</sup> uma ação que visada produzir conhecimento coletivamente, levando em conta a etnografia como exercício de conhecer o outro e a si mesmo.

A comunicação foi uma forte aliada para pensar esses procedimentos. Através dela e com ela pudemos exercitar os processos de ensino e aprendizado rompendo hierarquias e construindo espaços democráticos e cidadãos. O programa inspirou a produção das oficinas, pois toda a sua concepção foi pautada da troca ideais horizontalizadas entre professores, alunos e a comunidade no entorno do CAC.

Concebemos então a comunicação como *encontro* para afirmarmos, com essa ideia, que comunicar é colocar em relação diversos sujeitos e suas formas de ver e sentir. Comunicar é buscar comunhão, espaços territoriais, segmentos e linhas em que podemos nos narrar e narrar o mundo. Comunicação, como afirma o professor Muniz SODRÉ (2012), “é vinculação social.” Essa concepção de comunicação como vinculação social nos indica que os meios de comunicação produzem conexões, valores, sentidos e formas

---

<sup>5</sup>Oriximiná é um município brasileiro, do estado do Pará, pertencente ao Baixo Amazonas. Desde de 1970 a Universidade Federal Fluminense tem um polo de ação em extensão na região, denominada Unidade Avançada José Veríssimo.

<sup>6</sup> Entendemos Etnoeducação como processo metodológico multidisciplinar no campo da Educação Patrimonial que visa a valorização dos saberes e das tradições (patrimônio material e imaterial) e o respeito pelo outro. Reconhece o pertencimento dos sujeitos em seus grupos sociais e lugares e inclui estratégias de pesquisas educacionais que promovam a memória coletiva. Ação educativa dinâmica, participativa e ética que ocorre em ambientes escolares e fora dele. Essa abordagem se constrói na partilha e na convivência. (Texto coletivo construído numa oficina em abril de 2015, entre educadores de Oriximiná e da UFF para tentar definir etnoeducação).

de pensar. Nesse espaço de experimentação, que vincula, podemos aprender e ensinar ao mesmo tempo.

Partimos primeiramente para entendermos que não ensinamos nem aprendemos sozinhos. Essa é a principal diretriz norteadora das oficinas. Neste sentido, percebemos o coletivo como primazia para a construção dos saberes. No processo de busca sobre como funcionam as mídias, de que forma se produzem, para quem produzem é necessário trocar, discutir e entender que esses modos de conhecer são compartilhados. É necessário incluir diferentes sujeitos na pesquisa. Nesse envolvimento, vemos como importante o cuidado com os outros no processo do encontro. Esse cuidado está atrelado ao modo como desenvolvemos as questões da oficina, como apresentamos a pergunta deflagradora e acolhemos os diversos modos de perceber e interpretar os conteúdos.

. Por meio de uma série de atividades comunicativas e dialogadas, produzimos um plano de ação em que buscamos formar com os cursistas um coletivo. Esse coletivo foi fundamental para trocarmos ideias sobre as leituras que cada um tinha sobre determinado meio ou conteúdo.

Ao nos referirmos ao programa de Oriximiná apontamos para a importância da com pesquisa intervenção e também esse princípio norteou a produção das oficinas. Na pesquisa intervenção tínhamos como concepção que

ela é orientada por um princípio que afirma que o processo do conhecer coincide com o processo de uma construção de si e do mundo, e de que o processo de ensinar é também processo de aprender, numa circularidade permanente.(MOREIRA e MACIEL (orgs) Cadernos de Estudos em Etnoeducação, pg. 11)

Agenciamos então, a concepção de coletivo, com o exercício da etnografia e a prática comunicacional para pensarmos as oficinas. Acolhemos variados tipos de alunos e em cada grupo que construímos as diversidades e as especificidades eram cuidadas de modo a não constrirem leituras possíveis e nem tão pouco direcionar visões de mundo. Preparamos, neste sentido, o tutor e o grupo de modo que os dois se complementassem na busca de leituras críticas, ativas e propositivas com as temáticas edificadas.

A tarefa era em um só movimento ensinar, ouvir e produzir leituras coletivas sobre os temas. Para este intento formos rigorosos na idealização de que as oficinas acolheriam diversidades de sujeitos, mães que circulavam no CAC, alunos da rede pública, universitários, técnicos e mesmo professores. Isso nos garantia uma abertura de público tão necessária e fundamental para o projeto.

## AS OFICINAS NO CAC

As oficinas buscaram integrar múltiplos atores como professores, alunos, comunitários de diversos públicos que circundam o CAC. Elas foram desenhadas em parceria com o NECOM<sup>7</sup> (Núcleo de Estudos em Cultura Midiática) da UFRRJ e do CAC (Centro de Arte e Cultura). No processo do ensino e da aprendizagem, as oficinas se apresentaram como possibilidades efetivas de criação de ambientes democráticos e espaços de convergências entre os moradores de Seropédica e a universidade.

O Centro de Artes e Cultura da UFRRJ está inserido em uma intersecção entre a Academia e a Comunidade. Vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) o espaço oferece mais de 30 oficinas que são ministradas por alunos bolsistas da própria Rural. Em troca da ajuda de custo os alunos tocam a administração do CAC e desenvolvem serviços os mais diversos. As oficinas são ofertadas para alunos e/ou moradores da cidade. É um espaço, que por sua localidade, faz circular moradores da região, alunos, professores e muitos alunos da rede local.

Por ser um lugar de experimentações, ele é hoje a principal via de produção cultural-artística na cidade. Foi fundado em 2007, após um antigo galpão da empresa *Ligth* ser cedido para universidade. Todas as oficinas são inteiramente gratuitas, seguindo o princípio da universidade pública e de qualidade. O projeto de leituras críticas de mídia nasce da vontade de integrar de forma orgânica projetos de extensão com projetos de pesquisa.

O CAC foi reformado em 2018 e o hoje o centro contribui para a sedimentação dos três tripés da universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão. Ele se consagra como espaço de convergência e de experimentações do potencial produtor de conhecimento da universidade.

### A primeira experiência: Fanzines e a Construção do Herói

Com a parceria do CAC e através do NECOM, elaboramos o projeto de extensão Extensão BIEXT<sup>8</sup> e posteriormente o projeto de pesquisa PROIC<sup>9</sup>. Nossa intenção era

---

<sup>7</sup> Núcleo vinculado ao Diretório de Grupos do CNPq.

<sup>8</sup> Biext/UFRRJ 2019-2020 **Oficinas de Leituras Críticas de Mídia: educar e produzir comunicação no Centro de Arte e Cultura da UFRRJ**

<sup>9</sup> PROIC/UFRRJ 2020-2021 **Reflexões em torno da leitura crítica da mídia: imbricações entre comunicação, conhecimento e educação**



congregar pesquisa e extensão de forma orgânica e inseparável. Nasce assim a oficina de leituras crítica de mídia, que de forma ininterrupta propõe encontros em que são discutidos conteúdos de mídia, processos de produção de mídia e análises desses conteúdos. Relacionamos de forma constata comunicação e educação, com intuito de buscarmos as potências dessas áreas.

Produzimos a primeira oficina no ano de 2018, com cerca de 12 alunos no laboratório de pesquisa de leitura crítica de mídia. Foram diversos encontros semanais em que discutíamos o tema elaboramos a metodologia do plano de ação. Com os alunos e a ajuda de um bolsista Proic e um Biext escolhemos a temática *Fanzines e a construção de heróis*. A ideia era, em seis aulas, de três horas cada, discutirmos a linguagem e a história do fanzine relacionando-o sempre ao seu potencial criativo. Partimos de questões deflagradoras, que potencializaram críticas na construção dos heróis de quadrinhos ou desenhos. Em cada aula era feito o trajeto de personagens e das representações dos personagens como apresentado no quadro abaixo.

<b>Linguagens</b>	<b>Discussão central e conteúdos</b>	<b>Produto midiático</b>
<b>Aula 1 - Fanzine</b>	O que é o fanzine? Linguagem, estrutura, narrativa Como se constrói Heróis	Fanzines do Movimento PUNK
<b>Aula 2 – Quadrinhos</b>	O mundo dos quadrinhos, o universo da leitura do Gibis A jornada do Herói	“Harry Potter”, “Star Wars”, “Senhor dos Anéis” e as estruturas narrativas
<b>Aula 3 - Cinema</b>	O cinema o impacto sobre o público. Grandes Bilheterias	Filmes: “Titanic”, “Avatar”, “Central do Brasil”, “ Nada a perder”
<b>Aula 4 - Séries</b>	Narrativas das séries e distopias Discussão sobre a construção da personagem no roteiro	Série: “Black Mirror.
<b>Aula 5 – Desenhos animados</b>	A representação da mulher nos desenhos Como é produzido a animação de uma desenho animado	Desenhos: “Moana”, “Stever Universe”, “Rick and Morty”



<b>Aula 6 – Fanzine</b>	A Jornada do herói e a produção do roteiro para pensar a personagem	Estrutura do roteiro
-------------------------	---	----------------------

Essa primeira oficina, ministrada no segundo semestre de 2019, contou com 12 participantes e teve como produção final fanzines criados pelos próprios cursistas. As aulas eram divididas em três momentos: o primeiro com aspectos ligados às questões deflagradoras, o segundo de contextualização e historicização da linguagem e do produto midiático a ser analisado e um terceiro mais imersivo em que discutimos a possibilidades da produção de fanzines próprios. Nas aulas desenvolvemos modos de estudar criticamente a mídia, e a oficina serviu como um espaço de descobertas e também de observação científica das leituras de representações sociais feitas pelos participantes nos encontros.

Utilizamos de forma intuitiva o modo de pensar com os cursistas as representações das personagens, a produção do produto bem como o alcance e público envolvidos. Ao propormos a criação do produto, analisamos como os cursistas repetiam as diretrizes dos heróis dos quadrinhos e como muitos significantes dominantes permaneciam nos desenhos e na forma geral de conceber a personagem.

Observando a noção de representações sociais e suas relações com arquétipos e estereótipos de super-heróis em múltiplas linguagens, foi feita uma análise dos dados obtidos na oficina. Como resultados preliminares, apreendemos que, ainda que haja um pensamento crítico e entendimento de realidades e de identidades pelos participantes, prevaleceu, na produção das fanzines, a consolidação de padrões hegemônicos de representação. O reforço de modelos excludentes mostra-se tão enraizado que, ainda que discutido e criticado, se apresenta de forma imperativa nos discursos finais das fanzines. Essa primeira análise que apontou para a reprodução de discursos estereotipados nos fez avançar na construção da segunda oficina, em que escolhemos de forma mais precisa temática sensíveis como feminismo e racismo, por exemplo. O resultado da análise da primeira oficina aponta para modos muito específicos de ler a mídia.

#### **A segunda experiência: Audiovisual e Representação**

Partimos para a segunda oficina no CAC. A partir da experiência da primeira oficina tivemos a oportunidade de rever os métodos que compuzeram as aulas. As aulas

continuaram sendo confeccionadas de forma coletiva pelos alunos do Laboratório de Leituras Críticas de Mídia. A segunda oficina teve como temática *Audiovisual e Representação* em que pudemos, em oito aulas, pensar as linguagens audiovisual nas relações com os processos cognitivos, culturais e subjetivos dos cursistas.

As aulas foram preparadas em 2019 e contou com 12 alunos e dois bolsistas na sua produção. No início do 2020 iríamos ministrar no CAC, na sala que arrumamos e que guardava como nosso material. As inscrições já estavam sendo encaminhadas, quando as aulas foram suspensas por conta das instruções de isolamento social para conter o covid-19. Tivemos que nos mobilizar para apresentarmos de forma virtual e reconduzirmos estratégias de ações. Dentre elas elaboramos material informativo<sup>10</sup> em que divulgamos pelas redes, como no exemplo abaixo.



Com as alterações organizamos as oficinas em forma de debates que mantiveram os temas originais, com algumas modificações para que fossem bem executados virtualmente. Todos os oito encontros tiveram discussões baseadas em um material didático desenvolvido pelaicineira Anny Gabrielle Fernandes de Araújo.

Aqui apresentamos a concepção das aulas:

<sup>10</sup> Material de divulgação elaborado pela bolsista de BEIXT/UFRRJ Anny Gabrielle Fernandes de Araújo.

<b>Linguagens</b>	<b>Discussão central e conteúdos</b>	<b>Produto midiático</b>
<b>Aula 1 - Cinema</b>	Representatividade Feminina no Cinema	Filmes de super heróis da Marvel Studios
<b>Aula 2 – Desenhos animados</b>	Impacto dos desenhos animados na formação de identidade	Desenhos da emissora Cartoon Network: “Steven Universo”, “Hora da Aventura” e “Irmão do Jorel”.
<b>Aula 3 - Documentários</b>	O vídeo documentário como instrumento de mobilização social	Documentários: “Por dentro do funk 150 mpb” da Vice Brasil, “Babás” da Consuelo Lins e “Terra” de <a href="#">Michael Pitiot</a> e <a href="#">Yann Arthus-Bertrand</a>
<b>Aula 4 - Telenovelas</b>	Narrativas televisivas e identidade nacional	Telenovela da Rede Globo: “Amor de mãe” de Manuela Dias.
<b>Aula 5 – Ficção Seriada</b>	A representação da realidade através da ficção seriada	Séries ficcionais: “Guerra dos Tronos” da emissora HBO, e “Vikings” da emissora History Channel.
<b>Aula 6 – Reality Shows</b>	O grande irmão está te observando	Programa da Rede Globo: “Big Brother Brasil”.
<b>Aula 7 - Youtube</b>	Uma nova forma de discurso	Vídeos dos canais do Youtube: “Jout Jout”, “Tempero Drag” e “Take UAM”.
<b>Aula 8 – Serviços de streaming</b>	A inovação dos serviços de streaming	Serviços: “Netflix”, “Amazon Prime”, “HBO Go” e “GloboPlay”.

As inscrições foram realizadas no período de 13/04/2020 até o dia 16/04/2020, as divulgações foram feitas pelas redes sociais do CAC e os alunos entraram em contato através do e-mail para a inscrição. Devido ao enorme número de alunos interessados, foram criadas duas turmas. A Turma 01 realizou debates nas oito segundas-feiras a partir do dia 20/04. Os quatro primeiros encontros foram realizados através da plataforma Zoom, que pôde ser acessada através do aplicativo disponível para Android e iOS e serve como uma sala para reuniões por vídeo e/ou áudio. A partir do 4º debate, os alunos solicitaram uma mudança na plataforma e então no dia 18 de maio começamos a utilizar o Google Meet, um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google

disponível por aplicativo ou para desktop. A Turma 02 realizou os debates nas oito terças-feiras a partir do dia 21/04 e também migramos para Google Meet.

Como análise pudemos apreender que mesmo com as limitações do meio virtual adesão às oficinas foram muito boa. A participação nos oito encontros foram persistentes e participativas. Os cursistas devolveram o gosto pela análise crítica com aporte nas temáticas sugeridas. Essa segunda oficina, particularmente, conseguiu de forma mais arguta desenvolver discussões que tocavam na concepção das linguagens e nos conteúdo audiovisual. Discute-se a potência da linguagem audiovisual e como esta pode favorecer a formação crítica do telespectador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos no artigo as experiências na formulação e ministração das Oficinas de Leituras Críticas no CAC. Estamos neste momento de 2020.2 elaborando nossa terceira oficina, cuja temática é *A literatura na tela - relações entre cinema e literatura*. Houve um retorno à temática audiovisual, pois os cursistas da segunda oficina apontaram para a vontade de continuar estudando a linguagem cinematográfica.

No caminho percorrido até aqui vislumbrou-se antes de tudo a produção permanente das oficinas como forma de buscar outros espaços para as leituras de mídia, que não fossem eminentemente acadêmico. Gostaríamos de oferecer ao nosso aluno de graduação, na forma dos projetos encampados pelo NECOM, produção de cultura e informação na Baixada Fluminense e o CAC cumpre papel importante nesse intento.

As oficinas se apresentam como fortes estimuladoras do pensamento crítico e criativo e colocaram em xeque diversas representações dos heróis e das mulheres nas produções midiáticas. As experiências estão sendo positivas até aqui e no geral conseguimos demarcar o espaço de reflexão no CAC.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, MIKHAIL. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta a mídia –Dispositivos Sociais de Crítica Midiática*. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas *A construção Social da realidade*. Petrópolis: Ed Vozes, 1973

CERTEAU, Michel de - A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1994.

MAFFESOLI, M. A terra fértil do cotidiano. *Revista FAMECOS*, 15(36), 05-09. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.36.4409>, 2008

MARTIN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Página 10 de 16, Editora da UFRJ, 1997.

MARTINS, Maria Helena, Rumos da Crítica. São Paulo. Ed SENAC, 2000.

MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MOREIRA, R e MACIEL, S. cadernos de Estudos em Etnoeducação. vol 2. Niterói, RJ UFF/UFRJ, 2017. <http://patrimoniocultural.uff.br/>

PEREIRA, T. A. C. Os estereótipos e os meios de comunicação. In R. S., org. Discursos simbólicos da mídia. São Paulo: Loyola, 2005.

RUSSI, ADRIANA, ALVAREZ, JOHNNY E MACIEL, SÔNIA. Cadernos de Cultura e Educação para o Patrimônio. Volume 03. Niterói, RJ: s.N. 2014. <http://patrimoniocultural.uff.br/>

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar as mídias. São Paulo. Ed. Loyola, 1999.

SODRE, Muniz, Reinventado a Comunicação. Diversidade, descolonização e Redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.